



DOM VASCO DA GAMA.

Qual setta ao alvo, pelo campo undoso,
Com heroica firmeza,
A rematar correu o heroe famoso
A portentosa empreza.
A seus passos em vão barbara gente,
Horrendos cabos, syrtes estuosas,
Se lhe oppõem espantosas,
Que a seu pesar entrou no occulto Oriente.

DINIZ — Ode 1.^a

ACABAVA de morrer um bom rei e um máu homem, legando a D. Manuel, duque de Beja, um reino pacificado pelo temor do cutello e do veneno, e a gloria da prosecução dos descobrimentos maritimos. Em 1487 lavia Bartholomeu Dias passado o Cabo das Tormentas; nem eram já estranhas aos nossos as terras que lhe ficam além na costa de Guiné até chegar quasi a Sofala e Moçambique. A esperança, porém, de descobrir a India e faze-la tributaria ao pequeno reino de Portugal, esperança que movêra D. João II a mu-

dar o nome d'aquelle Cabo para o que ainda hoje conserva, não tinha podido realizar-se. Para perfazer esta empreza pôz elrei os olhos n'um mancebo de vinte e oito annos, fidalgo da sua casa, e natural da villa de Sines no Alentejo; e não se enganou na escolha, que este mancebo era Vasco da Gama, filho de Estevam da Gama alcaide mór de Sines e commendador do Seixal, e um dos homens mais entendidos na arte da navegação, a quem D. João II, pouco antes de morrer, havia encarregado d'esta viagem.

Vasco da Gama pediu para companheiro seu irmão Paulo da Gama, e largou do sitio de Belem aos 7 de junho de 1497, com tres náus, além d'uma que levava mantimentos e em que ia Nicoláu Coelho. O piloto d'esta armada era Pêro Dalanquer, experimentado maritimo, que tinha acompanhado Bartholomeu Dias até ao rio do Infante.

Passou á vista das Canarias, chegou em 20 de julho ao porto de Sancta Maria na ilha de Sanctiago, e pondo a prôa a leste em busca do Cabo de Boa-Esperança; gastou os mezes de agosto a outubro, luctando com tormentas e ventos ponteiros, para chegar

a uma bahia que chamaram Angra de Sancta Helena. Aqui foi Vasco da Gama ferido n'um pé, na briga que se travou por causa d'uma imprudencia de Fernão Veloso, a quem obrigaram a descer um outeiro com mais pressa do que o subira (1).

Tornou a frota a desfraldar as vélas no dia 16 de novembro, a 20 dobrou o Cabo da Boa-Esperança, e a 25, navegando sem perder a terra de vista, chegou á aguada de S. Braz, sessenta leguas distante d'elle: proveu-se de mantimentos e agua, e depois de Vasco da Gama ter mandado queimar, por desnecessaria, uma náu que levára viveres, seguiram as outras náus a sua derrota, não se demorando alli mais do que treze dias, porque o não consentiram as desavenças e pendencias dos portuguezes com os negros; sobreveio-lhes um temporal, mas em 8 de dezembro estavam cinco leguas além do ilhéu da Cruz, onde Bartholomeu Dias pozera o derradeiro padrão, e dia de Natal haviam deixado atraz de si as terras descobertas por Lopo Infante. Já não tinham competidores!

Communicando, todas as vezes que era possível, com os habitantes da costa ao longo da qual iam navegando, entraram as embarcações no rio dos Bons Signaes onde se detiveram 32 dias, não só porque foi preciso calafeta-las, como por ter enfermado muita gente. Partiram enfim aos 24 de fevereiro e no 1.º de março avistaram a ilha de Moçambique, cujo xeque, induzido pelos mouros, resolveu atraiçoar os nossos, o que obrigou Vasco da Gama a ir surgir juncto da ilha de S. Jorge, uma legua ao mar de Moçambique, e a partir em demanda da ilha de Quiloa, onde um piloto de Moçambique promettia leva-lo, tendo-lhe fugido o outro. As calmarias fizeram com que a armada tornasse a fundear na ilha de S. Jorge, d'onde partindo de novo no 1.º de abril, já com tres pilotos, com direcção a Quiloa, a passou em claro e chegou a 7 á ilha de Mombaça, com muita gente doente, além de já ser morta metade d'aquella com que viera de Lisboa. Aqui armaram os mouros a Vasco da Gama e aos seus novas ciladas, de que os livrou a rara prudencia d'este capitão e o medo dos pilotos traidores de Moçambique, que lançando-se ao mar deram a conhecer toda a perfidia. Tão acerbo era o odio dos de Mombaça aos portuguezes, que vinham de noite a nado com terçados e machadinhas para picarem as amarras das náus, as quaes contudo chegaram sem damno a Melinde dia de Páschoa da Resurreição. No rei d'esta terra achou Vasco da Gama cordial amizade e desejo de lhe fazer bom agasalho e de lhe acudir com todos os mimos e regalos, de que tanto careciam depois de uma navegação em extreme longa e trabalhosa.

Deixando um padrão na praia, seguiu a frota pelo golpho da costa de Melinde até a do Malabar, e foi ancorar ao 18 de maio, duas leguas distante da cidade de Calecut, havendo onze mezes que saíra do Tejo; mas porque não era seguro este ancoradouro, recolheu-se ao porto de Pandarane, primeira terra da India em que Vasco da Gama desembarcou, deixando encommendado a seu irmão Paulo da Gama e a Nicolau Coelho, que, se algum desastre lhe acontecesse em Calecut e sentissem que corriam risco em esperar por elle, fossem a outro porto comprar especiarias, e tornassem ao reino com ellas e com as novas do que tinham descoberto. Tendo dado a sua embaixada ao rei de Calecut, quiz-lhe o catural ou regedor impedir a volta para bordo, e levou a ousadia a pelir-lhe as vélas e lemes das embarcações, e a prender os dois feitores que ficaram em terra para mer-

cadejar. Reclamou-os Vasco da Gama, e porque lh'os não davam fez represalia em seis malabares com dezenove criados que tinham vindo a bordo, e foi ancorar quatro legoas ao mar de Calecut, e depois ainda muito mais longe, em paragem d'onde quasi que se não via terra. Elrei de Calecut propoz-lhe então a restituição dos feitores, que elle veio tomar, surgindo diante da cidade. Tambem lhe mandou uma carta para elrei D. Manuel, e lhe queria restituir a fazenda arrestada, em troca dos seis malabares; no que Vasco da Gama não conveio porque os queria trazer a Portugal, e, firme n'este proposito, mandou disparar a artilheria contra as almadias que vinham com a fazenda, e tomou a sua derrota para Melinde, promettendo em carta que remetteu ao rei de Calecut tornar-lhe estes refens. Mongaide, mouro tunesino, em quem sempre achára muita lealdade, veio igualmente na armada, a qual desde alli até uma ilheta chamada Anchediva tirou vingança dos que pretenderam accomette-la.

De Anchediva a Melinde gastaram os nossos intrepidos navegantes mais de quatro mezes, com as calmarias e ventos contrarios, no qual tempo morreram mais 30 homens. Esbombardeadas Magadaxo na costa de Ethiopia, e oito embarcações de guerra saídas da villa de Pate, renovadas as relações de amizade com elrei de Melinde, que lhe mandou refrescos, queimada uma das nossas náus defronte da villa de Tagata, por trazer já muito pouca gente, recibidas tambem as vitualhas que lhe mandou o senhor da ilha de Zanzibar, e tendo-se provido de agua, lenha e gado em S. Braz, dobrou Vasco da Gama o Cabo da Boa-Esperança aos 20 de março. Na altura da ilha de Sanctiago se desgarrou da sua conserva a náu de Nicolau Coelho, o qual chegou a Cascaes aos 10 de julho de 1490 com as novas da viagem.

Vasco da Gama foi ter á ilha de Sanctiago, e por que Paulo da Gama adoeceira gravemente, arribou á ilha Terceira, onde elle falleceu, e foi enterrado. Finalmente, a 29 de agosto entrou em Lisboa, havendo já dois annos e quasi dois mezes que d'aqui partira, e trazendo só 55 homens dos 148 com que saíra a barra.

Estava rematada a empreza que deu a Portugal o commercio da India, a Veneza um golpe mortal, e ao mundo o poema dos Lusíadas.

Por este alto feito concedeu elrei D. Manuel a Vasco da Gama o prenome de *Dom*, para si e seus descendentes, mil escudos de renda, e poder trazer no meio das suas armas as Quinas reaes portuguezas. Das outras mercês que recebeu na volta da sua segunda viagem á India, e quando, já no reinado de D. João III, a foi governar, tractaremos em artigo separado. Bem digno era d'ellas quem, por dilatar a gloria do nome portuguez, arrostou

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano
Tanta necessidade aborrecida! (1)

O retrato que damos, com o *fac-simile* da assignatura de D. Vasco da Gama, reproduz uma pintura de muito valor por ser da epocha, a qual hoje pertence ao Ex.^{mo} Sr. Conde do Farrobo, e foi copiada pelo Sr. Sendim, e dada em lithographia pelo Sr. Luiz Trinanzi. D. Vasco da Gama, segundo uma descripção que temos d'elle, era de estatura mediana, muito gordo, dessemblante córado, e aspecto um pouco severo, em que se reflectia a cholera que não

(1) Cam. Cant. 5.º Est. 31 a 36. — Goes, Chron. de el rei D. Manuel.

(1) Cam. Lus. Cant. 1.º Est. 106.

poucas vezes o dominava. O retrato não desmente a descripção.

COLOMBA.

Romance da Corsega.

Povera, orfana, zitella,
Senza cugini carnali! —
Ma per far la to vendetta.
Sta siguru, vasta anche ella.

Lament. funeb. de Niolo.

VI.

DEPOIS de Orso ter saído, Colomba fôra avisada de que os dois filhos do advogado Barricini o seguiam armados. Os seus temores a cada momento cresciam mais e se tornavam mais intensos. A chegada do coronel e de miss Nevil, que pelas onze horas da manhã entraram em Pietranera, veio augmentar-lhe a inquietação. Ainda elles se não tinham apeado, já Colomba perguntava, recebendo-os: «Viram meu irmão?» E á sua resposta negativa a pallidez substitua as rosas do rosto, e o coração, pulando no peito, queria arrebentar. A despeito da firmeza varonil do seu character venceu o amor fraternal, e depositando entre lagrimas o terror que a dilacerava, accusou-se perante Lidia e sir Thomaz de haver, talvez, preparado a catastrophe que de novo ia cobrir de lucto a casa de seu pai.

Esta noticia gelou o sorriso nos labios de miss Nevil. O conhecimento que tinha de Colomba, ligeiro como era, bastava para ella saber que a bella filha da Corsega não tremia sem motivo. A sua imaginação exaltada, e um sentimento profundo que só então pode apreciar, representavam-lhe o mancebo, victima do tiro de um traidor, expirando só e ao desamparo nas solidões funestas da terra patria. Duas lagrimas mal sustidas escaparam-se dos olhos, e queimando nas faces, foram sumir-se nos anneis dourados das madeixas. Colomba adivinhou o preço d'aquelle tributo silencioso, e apertando-lhe a mão, ouviu com resignada tristeza as consolações que o coronel balbuciava, para desempenhar com todo o decoro o papel de animoso, papel que os estylos sociaes prescrevem aos homens em circumstancias taes.

Assim passou o tempo. Á uma hora o passo de um cavallo soou debaixo das janellas do quarto aonde estavam. Miss Lidia ergueu-se de repente exclamando:

— «É algum dos mensageiros que se mandaram?»

Colomba, que a acompanhára no movimento, bradou:

— «Não é o cavallo de meu irmão!» Vendo-o sem cavalleiro, puxado á redea pela rapariga sua protegida, voltou para dentro, e apertando a frente entre as mãos, em voz sumida e com um gemido de espedaçar a alma, soluçou: «Morreu — mataram-n'o!»

O coronel, que estava á mesa, deixou cair o copo: miss Nevil deu um grito agudo, e todos ficaram traspassados de dôr. Chilina, a sobrinha de Brandolaccio, apenas pode atar o corselet, porque já a apertavam com ancia os braços de Colomba. A donzella voára á porta gritando:

— «Chilina, que é feito de meu irmão?»

A creança olhou para ella e estremeceu. No terrivel lampejar d'aquella vista, mesmo com os seus poucos annos, viu o sello de uma desesperação medonha; por isso as primeiras palavras que proferiu foram as tão expressivas do choro de Otello:

— «Ainda vive!»

— «E os outros?» insistiu Colomba em tom forte.

Chilina fez só o signal da cruz; e á pallidez succederam as côres purpureas no rosto da irmã de della Rebia. Deitando á casa dos Barricini um olhar ardente, voltou para a sala, e tranquilla e serena foi traduzindo na linguagem corrente a embrulhada aravia em que a rapariga contou tudo o que se passára no combate de Orso com os dois assassinos.

Ao acabar, Chilina referiu que o tenente só pedia com instancia papel para escrever, encarregando-a de dizer a sua irmã que supplicasse a uma senhora que lá devia estar, que não partisse sem receber uma carta d'elle. E, accrescentou a creança, o que mais o affligia, e já eu vinha meu caminho e ainda elle m'o tornava a repetir. Ouvindo isto Colomba sorriu-se com meiguice para Lidia, apertando-lhe a mão com força. A ingleza desatou a chorar, e teve a prudencia de não traduzir a seu pai esta parte de narração.

O coronel só fazia perguntas extravagantes — sua filha soluçava e enxugava os olhos, e Colomba preparava fios para o ferido, quando ao cair da tarde entrou na aldeia a triste procissão que trazia ao advogado Barricini os cadaveres de seus dois filhos, atravessados cada um sobre seu cavallo. Seguia o cortejo uma turba de clientes e ociosos. D'envolta viam-se gendarmes, que só apparecem quando não são precisos, e o adjuncto do Maire que, levantando os braços, não cessava de clamar: — «O que dirá o senhor prefeito?» — Algumas mulheres, sobresaído a ama de Orlanduccio, choravam, arrancando os cabellos; porém a sua carpideira ruidosa commovia menos do que a dôr muda de um personagem, que attrahia a attenção de todos. Era o infeliz pai, que ora ia direito a um dos cadaveres, e erguendo-lhe a cabeça manchada de pó e sangue, beijava os labios azulados e frios; ora tenteando aquelles membros já hirtos, os abraçava para lhe evitar os sobresaltos do cavallo. De vez em quando abria a bocca para fallar, mas a voz estrangulava-se na garganta, e nem um ai nem um suspiro desabafava. Com os olhos sempre fitos nos cadaveres tropeçava nas pedras, embatia nas arvores, e olhando sem vêr, topava em tudo o que o rodeava.

Os lamentos das mulheres e as maldicções dos homens redobraram diante da casa de Orso. Alguns pastores do partido «della Rebia» ousaram levantar brados de triumpho, e a este desafio insolente a cholera dos seus adversarios respondeu por clamores de vingança. No meio d'uma nuvem de pedras, atiradas ás janellas, dispararam-se dois tiros de espingarda. As ballas entraram na sala onde Colomba e os seus hospedes conversavam, atirando lascas de pau para cima da mesa a que estavam assentados. Lidia soltou gritos de susto, e o coronel agarrou-se a uma clavina; mas Colomba, antes de a poderem atalhar, voou á porta da rua, e abrindo-a com impeto, de pé, no limiar, com ambas as mãos estendidas para amaldiçoar os inimigos, exclamou:

— «Covardes! . . . atiram a duas mulheres e a um estrangeiro! Vís! que sabem só ferir pelas costas . . . matem-nos; meu irmão está longe . . . ou vão chorar antes como creanças, agradecidos por lhe não pedirmos mais sangue!»

A voz e o gesto de Colomba eram terriveis. Diante d'ella a multidão, cortada d'assombro, recuou como se de repente surgisse um phantasma. O adjuncto, os gendarmes e diversas pessoas aproveitaram a occasião para se metterem entre os dois bandos, porque os pastores de della Rebia já carregavam as clavinas, e tudo annunciava proxima uma lucta cruenta. Colomba, a quem a victoria ensinava a moderação, longe de se oppôr favoreceu estes esforços dizendo aos seus amigos:

— «Que chorem, coitados! . . . É pai, e elles eram o sangue da sua alma — deixa-lo ir em paz, o triste velho! . . . Guidice Barricini! Lembra-te do dia 2 d'agosto! Recorda-te da divida que os dedos moribundos de meu pai lançaram na sua carteira. A tua mão de falsario apagou a lettra, mas teus filhos pagam-n'a agora. Estás quite, Barricini — vai-te em paz!»

E com os braços cruzados, e um sorriso de desprezo errante na bocca, assistiu á entrada dos cadaveres na casa inimiga. Depois, quando o povo se retirava por todos os lados, cerrou a porta, e entrando na sala disse ao coronel:

— «Pego perdão ao coronel Nevil em nome dos corpos — atiraram sobre esta casa, é porque não sabiam que abrigava um estrangeiro.»

O coronel respondeu com certo enleio um pouco ridiculo; principiava a julgar bastante possivel que as maldictas discordias da ilha acabassem por lhe alojar um par de ballas na cabeça — cousa que reputava muito seria e digna de maduras reflexões. Mas, consultando sua filha sobre a oportunidade de uma retirada a tempo, com desgosto se achou repellido, e foi obrigado a capitular de um modo nada airoso.

A noite correu agitada para todos. Em quanto sir Thomaz sonhava que os Barricini o surprehendiam em camiza, e o empalavam n'um poste erguido no alto da chaminé, sem curarem dos seus protestos britannicos, miss Lidia, fechando os olhos, via a imagem de Orso, pallido, ensanguentado, em convulsões atrozes. Depois a memoria representava-lh'o de joelhos, como no dia da despedida, beijando o talisman que d'ella recebera . . . Accusava-se de ter sido causa do perigo que o ameaçara — pela vér um instante mais cedo é que se fôra expôr á morte — e a valentia heroica da sua defeza? Só, e ferido, contra dois! . . . O amor, a saudade e a dôr luctavam assim, e vençiam junctos ao mesmo tempo no seu coração.

O quarto onde dormia era o de Colomba. De repente, levantando os olhos, viu o retrato de Orso, em miniatura, de uniforme de tenente, suspenso na parede. Miss Nevil, hesitou, ergueu a mão, resistiu, e por fim não teve forças e desprendeu-o. Em lugar de o tornar a pendurar, pousou-o no travesseiro, e, adormecendo já sobre a madrugada, a primeira cousa que viu ao despertar foi Colomba, que de pé ao lado da cama esperava que acordasse.

— «Ha noticias d'elle?» perguntou Lidia assentando-se; e vendo o retrato còrou, e á pressa deitou-lhe o lenço em cima.

Colomba viu, e sorrindo, respondeu: — «Já recebi noticias.» E, tirando o retrato com a maior naturalidade, acrescentou: — «Acha-o muito parecido? . . . Eu digo que Orso é melhor.»

— «Valha-me Deus! — acudiu miss Nevil envergonhada — que máu costume que tenho de desarranjar tudo . . . Mas como está seu irmão?»

— «Muito melhor. Veio de lá Giocanto e trouxe uma carta . . . para vós — Orso não me escreveu a mim . . . porém as irmãs não são ciosas. Giocanto disse-me que Orso mal podia escrever, mas assim mesmo não quiz que ninguem lhe pozesse aqui a pena. Estava de costas, e Brandolaccio segurava o papel. A cada instante meu irmão queria levantar-se, e com o movimento eram dôres crueis, que o atribulavam . . . mas enfim cá está a carta.»

Miss Nevil leu-a immediatamente. Vinha escripta em inglez para maior precaução. Eis o que ella continha.

— «Senhora. Foi o destino que me precipitou. Não sei o que dirão os meus inimigos, nem me importa, se os não acreditar . . . Desde o dia em que nos

vimos affaguei esperanças . . . atrevidas de certo e talvez loucas. Agora, que já vejo o futuro, e me resigno a elle, sinto que para mim tudo se acabou na terra. Este anel, talisman da minha ventura, dado na unica hora ditosa que vivi . . . já não o posso guardar . . . receio que o anjo que m'o deu se arrependesse . . . ou que vendo-o eu, enlouqueça mais. Colomba o entregará! . . . adeus, senhora, adeus para toda a vida. Oh! se ao deixar a Corsega, uma palavra só, dicta a minha irmã, me affiançasse a sua estima . . . ao menos seria feliz um instante mais. — O. D. R.»

Lidia não ousava nem levantar a cabeça; Colomba offerencia-lhe o anel, e ella nem o recebia nem o recusava.

— «Posso saber o que diz meu irmão? Está melhor?»

— «Não sei . . . — não me diz nada — balbuciou a ingleza, còr de rosa: — pede-me que diga a meu pai . . .»

Colomba, sorrindo com malicia, assentou-se sobre a cama, pegou em ambas as mãos de miss Nevil, e fitando-a com penetração:

— «E tão má comigo! . . . — Promette responder a Orso? Elle ha de estimar tanto . . . tive tentações de a acordar logo que chegou a carta, mas tive medo! . . .»

— «Oh! fez muito mal! . . . Entretanto se uma palavra minha pudesse . . .»

— «Tudo. Mas agora não. Chegou o perfeito, e Pietranera está cheia de correios . . . Ah, miss Nevil, se conhecesse meu irmão! . . . amava-o como eu . . .»

— «Pobre de mim — que o amo talvez mais!» murmurava consigo Lidia suspirando.

Mas este voto ficou silencioso no coração.

ASSASSINO D'HENRIQUE III DE FRANÇA PELO FRADE-JACQUES CLEMENTE.

A FRANÇA, no desgraçado tempo de Carlos IX, era preza de todos os horrores das guerras intestinas, os catholicos contra os protestantes, a casa dos Guises contra a dos Bourbons procuravam debellar-se até o exterminio, bastará citar a matança do dia de S. Bartholomeu. Depois d'este acto odioso do fanatismo Carlos IX pouco tempo viveu; e seu irmão Henrique III largou a Polonia para acarretar sobre a França novas calamidades. No seu regresso achou o reino dilacerado por dois partidos: o dos protestantes reformados, renascia das cinzas, violento como nunca, tendo á sua frente Henrique o Magno, que então era rei de Navarra. O outro partido era a Liga, facção poderosa, gradualmente formada pelos principes de Guise, excitada pelos papas, favorecida da Hespanha, e que de dia para dia augmentava por artificio dos frades: era capitaneada pelo duque de Guise, principe de estrondosa reputação, e que tendo mais qualidades notaveis do que boas parecia nascido para mudar a face do estado n'aquelle tempo de discordias. Henrique III, em vez de esmagar estes partidos sob o pezo da auctoridade real, fortaleceu-os por sua fraqueza: assentou ter feito um prodigio em politica declarando-se cabeça de liga; o facto é que não foi mais do que escravo d'esta: pelos interesses do duque de Guise, que pretendia depô-lo, viu-se obrigado a fazer guerra a Henrique de Navarra, seu cunhado e seu herdeiro presumptivo; porém o exercito que mandou contra este foi desbaratado em Coutras. O monarcha de Navarra não queria outro fructo da victoria senão a reconciliação com o da Fran-

ça, e vencedor como era pediu a paz, mas o vencido não ousou aceita-la, por temor do duque de Guise e da Liga. Neste mesmo tempo Guise acabava de pôr em fugida um exercito de allemães, e soberbo com a sua gloria, forte pela fraqueza do soberano, veio a Paris contra ordem expressa. Houve então o celebre dia das barricadas, em que o povo repelliu as guardas reaes, e Henrique teve de fugir da capital. — Guise ainda fez mais, obrigou o rei a abrir os Estados geraes do reino em Blois, e de tal modo dispoz as cousas que chegou a ponto de tomar parte da auctoridade real por consentimento dos que representavam a nação e debaixo da apparencia das mais respeitaveis formalidades. — Henrique, acordado por tão instante perigo, mandou assassinar no castello de Blois aquelle inimigo temeroso e o irmão d'elle, o cardeal; ainda mais arrebatado e mais ambicioso que o proprio duque. — Por este successo rebellou-se Paris, e a Liga tirou a mascara, pretextando que Henrique matára os defensores da religião.

Henrique III n'este apuro viu-se necessitado a por sua parte fazer tambem liga, associou-se com o seu presumptivo herdeiro o rei de Navarra, e ambos vieram acampar diante de Paris. Não é nosso intento referir os varios successos d'esta guerra, em que entrou parte da Europa; a Inglaterra a favor dos dois Henriques, e a Austria e a côrte de Roma protegendo a Liga. — Henrique III estava quasi a tomar Paris, quando foi assassinado em S. t Cloud por um frade dominicano, Jacques Clemente, o qual estava persuadido de que agradava a Deus e alcançava o martyrio.



Jacques Clemente era um fanatico exaltado, que os outros sectarios da Liga excitaram, e preparou-se para commetter um crime com todos os actos religiosos que faria um bom christão commettendo uma empreza arriscada mas justa: confessou-se e communhou; e como era espiado pelos seus observaram, estando elle a dormir em a noite precedente ao delicto, que tinha a Biblia aberta no capitulo do assassinio de Holophernes por Judith. — Jacques apunhalou a sua victima em a noite de um para dois de

agosto de 1589. Depois de justigado imprimiram os seus consocios uma relação do intitulado martyrio, em que se contam visões que do céu tivera o miseravel frade para commetter o attentado, que não foi o crime simplesmente de um fanatico, mas de todo o seu partido; sendo a opinião e crença de todos os da Liga que se devia matar o rei se estivesse desavindo com a côrte de Roma; assim o publicavam pregadores em seus máus sermões, e se escrevia em pessimos livros, alguns dos quaes se conservam como documentos curiosos de um seculo tão barbaro em lettras como em costumes. — Henrique III era um animo fraco e um poço de vicios; causa nojo a narração das suas torpezas.

DOS MEIOS QUE OS HOMENS TÊM JULGADO PROPRIOS PARA SE LIVRAREM DOS RAIOS.

(Continuado de pag. 184.)

FUNDADOS em certas analogias, admittem os physicos que o raio sempre respeita o vidro. Pouca distancia vai d'esta opinião a suppôr que uma gaiola toda feita de vidro seria um lugar de refugio perfeitamente seguro; e por isso houve quem propuzesse, e até chegasse a construir, gaiolas d'esta materia para uso das pessoas muito medrosas dos raios.

Certamente que estou muito disposto a crêr que na occasião de trovoadas um envolvero vitreo attenua uma pequena parte do perigo, mas não posso admitir que o dissipe de todo. As minhas duvidas baseam-se no seguinte:

O terrivel raio caído no palacio Minuzzi, no territorio de Ceneda, em 15 de junho de 1776, furou ou quebrou mais de oitocentos vidros de vidraça.

Quando a Mr. James Adair o lançou por terra, em setembro de 1780, o violento raio que matou dois ou tres criados na casa de East Bourne, estava elle por detraz d'uma janella envidraçada. Nenhum dano soffreu o caixilho da janella, mas os vidros desapareceram completamente, reduzidos a pó pelo raio.

Em rigor, é admissivel a supposição de que a ruptura dos vidros é consequencia do abalo do ar, simples effeito do estampido, da detonação. Vamos a factos menos duvidosos.

Em 17 de setembro de 1772 caíu um raio em Padua sobre um casa situada em *Prato-della Valle*, e fez n'um vidro da janella do pavimento baixo um buraco redondo e lizo como fãria uma bróca.

O engenheiro Caselli, d'Alexandria, notou em 1778 nos vidros das suas janellas, logo depois da queda de um raio, buracos redondos, quasi sem rachas adjacentes.

Tendo caído um raio, em setembro de 1824, em *Milton of Comage*, em casa de Mr. William Bremmer, appareceu um dos vidros da janella com um buraco circular da grandeza d'uma balla de espingarda; no resto da sua extensão não apresentava este vidro uma só racha.

Um buraco sem lascas, perfeitamente circular, não póde ser effeito do estremecimento que resulta do estrodo. Se necessario fosse poder-se-hia citar mais este caso para prova da rapidez extrema com que caminha a materia fulminante. O buraco do vidro de Mr. Bremmer fortifica as observações destacadas de Padua e de Alexandria.

Estas observações reunidas hão de desenganar algumas pessoas que imaginavam serem as vidraças barreiras que o raio não ultrapassava.

Por mil exemplos se acha provado que o raio já-mais cãe sobre o homem ou mulher sem atacar com mais empenho as partes metallicas do seu vestuario.

Póde-se por tanto admittir que os metaes augmentam sensivelmente o perigo de ser fulminado quem os traz consigo. Ninguém negará a hypothese quando se tracte de massas metallicas d'algum vulto. Em todo o caso direi que, em 21 de Julho de 1819, caíu um raio na cadeia de Biberac (Suavia) e foi ferir na sala grande, no meio de vinte prezos, um capitão de ladões já condemnado, que estava agrilhado pela cintura.

Será difficil a defeza da hypothese quando se tracte das tenues partes metallicas que entram nos nossos vestidos ordinarios. Não poderei eu todavia qualificar com o nome de prova a observação curiosa feita em Bréven, em 1767, por Saussure e os seus companheiros de viagem?

No meio do tempestade, quando os observadores levantavam a mão e estendiam um dedo, sentiam na extremidade d'elle uma especie de formigueiro. «Mr. Jalabert (nos diz o celebre viajante), que tinha um galão de ouro no chapéu, ouvia, além d'isso, á roda da cabeça um zumbido medonho. Tiravam-se faiscas do botão de ouro do chapéu, assim como da virola de metal d'uma bengala comprida que levavamos conosco.»

Dai á trovoadas qualquer porçõesinha mais de intensidade, e o leve galão de ouro e o pequeno botão de mal se converterão, em circumstancias semelhantes ás de Bréven, em causas de explosão, e Mr. Jalabert será fulminado com preferencia aos seus vizinhos, cujos chapéus não tiverem enfeites de galão de ouro, nem botões de metal.

O fato seguinte, referido por Constantini, em 1749, ainda presta uma prova mais directa:

Estava a trovejar, uma senhora estende a mão para fechar a janella; parte o raio, leva-lhe o bracelete de ouro que trazia, sem deixar vestigios d'elle. A senhora só ficou ferida muito ao de leve.

Sem estas observações preliminares causaria admiração o colligir eu aqui a explicação que o celebre viajante Bridone deu ao caso acontecido a uma pessoa do seu conhecimento, a Madame Douglas.

Estava esta senhora á sua janella a olhar para fóra em occasião de trovoadas. Fez um trovão, e o seu chapéu, sómente o chapéu, ficou reduzido a cinzas. Na opinião de Mr. Bridone tinha attrahido o raio o delgado fio metallico que guarnecia o contorno do chapéu, e a que estava preza a fazenda. Propõe por este motivo que se deixem d'estas cercaduras de metal, e declara-se contra a moda, muito seguida, de segurar ou enfeitar os cabellos com alfinetes e tranças de ouro ou prata. Temendo, com justa razão, que os seus conselhos não fossem attendidos, pedia «que cada mulher trouxesse consigo uma cadeiasinha ou um fio de arame de latão para prender, quando houvesse trovoadas, ás partes metallicas do chapéu, a fim de que por elle se escoasse a materia fulminante até o chão em lugar de abrir caminho por entre a cabeça e os membros inferiores.»

Em resumo, é melhor, quando troveja, não ter metal consigo; mas val a pena de scismar no augmento do perigo que podem causar um relógio, os brincos das orelhas, o dinheiro, as tranças ou agulhas metallicas de que as mulheres usam? Esta questão não é susceptivel d'uma solução geral, porque cada qual ha de encara-la atravez dos seus preconceitos, e deixar-se possuir mais um menos do medo que o meteoro lhe inspirar.

(ARAGO.)

O MAELSTROM.

UMA das circumstancias da minha vida maritima não se póde explicar senão por um milagre. Como

me expelliu vivo a voragem que me tragou? Por que prodigio saí do abysmo que jamais solta a sua preza? Depois de ter sentido todas as angustias da morte, que predestinação me obrigou a viver para revelar aos homens os mysterios d'uma situação de que ninguém escapa? Tenho conservado presentes no pensamento todas as particularidades d'este dia; o seu terror é inseparavel de mim, a sua impressão é indelevel. Vejo o navio impellido pela fatalidade para a destruição a que não póde esquivar-se; ouço as conversações dos homens no seu agonisar; gravou-se-me na memoria a expressão de seus semblantes, sei tudo o que em torno de mim aconteceu. Estas paginas, que algum valor teem nos annaes da humanidade, vou eu escrevê-las. É forçoso; que, a não ser eu, nenhum outro tem os mesmos documentos para poder dizer o que é uma companha attrahida pelo Maelstrom (1), e o que sente, e que tragedia enlucta o convez do navio, e como se realisam esta absorção, este naufragio na bonança, esta ruina sem estrondo, ao sol claro e em tempo sereno.

— «É sexta-feira: o capitão quer largar; não faz bem.»

Assim fallava a bordo da *Joven Suzanna*, schooner (escuna) escoceza, o contramestre Braerigg, de braços cruzados, encostado a uma caronada e com os olhos levantados para o céu. No mar da Noruega se espelhavam esses raios desbotados do sol do outono, que alumiam a natureza, mas não a penetram nem a vivificam.

Uma menina escoceza, mais alva e descorada do que os raios do sol da Noruega, repousava um dos braços sobre o braço de seu pai, velho que no trajo annunciava pobreza, no rosto inspirava respeito, e cujos cabellos lhe haviam encanecido na practica de todas as virtudes. Mac-Read era ministro da igreja presbyteriana; a pequena distancia d'este grupo estava Helena, filha mais velha do sacerdote, com os seus cabellos negros e feições cheias de nobreza e entusiasmo, sentada sobre um feixe de cordas, ouvindo os contos do criado Donald, natural de Stirling na Escocia, adherente á familia por uma d'estas assimilações que só por lá se encontram, e persuadido de que as duas meninas, Helena e Sprighthy, não eram menos suas filhas do que de Mr. Mac-Read, se é que o não eram mais.

Continuava a conversação entre o contramestre e Mac-Read.

— «Sini, dizia o contramestre, é sexta-feira. É vêr como a nossa gente trabalha; parece que se não mechem. Assim não se faz nada d'elles.»

— «Como, interrompeu a filha mais velha, é supersticioso, senhor contramestre?»

— «Oh! eu não digo tanto, menina. Lá em terra não me importa a sexta-feira; mas quando a gente precisa dançar por cima d'estas aguas azues, e manobrar com todo o tempo, haja borrasca ou haja bonança, á fé de quem sou, embirro com a sexta-feira; porque a maruja ninguém a leva para onde quer quando não está contente. Estando alegres trepam

(1) O Maelstrom ou Malstrøm é um immenso remoinho ou vortice, assignalado pelos navegantes entre as ilhas Weroen e Morken, situadas no oceano arctico aos 67° 40' latitude N. e 11° 44' longitude L. O mugido d'esta voragem ouve-se a muitas leguas de distancia, e o seu poder de attracção é tão forte, que os navios que passam pelo pé d'elle são arrastados ao sorvedouro. A força d'este remoinho, diz Mr. Malte Brun, cresce algumas vezes pela concorrência de duas marés cheias e contrarias, ou pela acção dos ventos. Arrasta os navios, despedaça-os de encontro aos rochedas ou os afunda, e deixa apparecer os destroços passado algum tempo.

leste e pelas enxarcias, entoa-se a cantiga ao som do apito, todos os musculos se reforçam, parece que a esperança arromba o coração; despreza-se a terra e brinca-se com o mar! mas d'uma tripulação zangada, como esta, que diabo querem que se faça?"

— "Contramestre! bradou uma voz estrondosa, onde está esse cão das montanhas, esse Campbell?"

Era o capitão quem fallava.

— "Dorme, respondeu o contramestre; Campbell está doente."

— "Dorme! não quero cá doentes!"

— "Tem febre, segundo diz o cirurgião. Ainda esta noite, capitão, estando deitado na maca, teve uma visão, das taes visões do inferno!"

— "Que o levem todos os diabos do poço infernal ao Campbell mais aos seus agouros! gritou o capitão, praguejando muito de rijo para toda a campanha saber que o capitão tinha praguejado. — Mettem-me a bordo um mono das montanhas, um marujo dos tojaes, que me assusta e deita a perder a companhia com as suas visões!"

— "Capitão, queria pedir-lhe, com o devido respeito, por parte da marinhagem, um favor em que elles fazem grande fincapé."

— "Ah!"

— "Esperam que não se faça á véla senão amanhã. A *Joven Suzanna*, fie-se em mim, nunca se fez á véla á sexta-feira."

O capitão não ouviu o fim da phrase, voltou costas ao contramestre, vomitou pragas contra a sua gente, e accendeu-se em tal cholera que as vozes todas sumiram-se e todos os rostos enfiaram. A manobra não se fez mais rapida; os marinheiros olhavam uns para os outros com um modo desconfiado e tristonho. Partiu a *Joven Suzanna*. O agastamento reinava na embarcação; o capitão passeava, de mãos atrás das costas, procurando occasião de ralhar, e creando-a quando não a descobria. Campbell, o escocez da *segunda vista*, que tinham obrigado a levantar-se, havia saído da coberta, e fazia a sua obrigação resmungando. De repente, deu-lhe vontade de começar o *vail*, lamentação inarticulada, cantico de mortos dos escocezes selvagens, ululo modulado, soluçar sem fim, suspiro prolongado que semelha ao gemido do vento nas cathedraes. O velho criado escocez levantou a cabeça e reconheceu o cantico funebre do *clan* (tribu) dos Campbell. Helena fez um gesto de terror, e Sprighthy, a innocente menina, desfez-se em pranto. A lembrança da morte e da patria despertaram-se-lhes simultaneas no pensamento.

Como quer que seja, estes presagios cedo se realisaram. Annunciaram uma borrasca, o vento saltou á proa, o mar cobriu-se de escarcéus; declarou-se em breve a tormenta. A manobra fez-se lentamente, feraram todas as vélas, mas com frouxidão, sem diligencia, como se lhes fallecêra a esperança. A superstição, renegando do futuro, matando a energia, aniquillou o sentimento da conservação. Vacillava e estremeceia o navio com o embate das vagas, como estremece no seu leito o febricitante. Resistia, com o auxilio da sua construcção e da robustez do cavername; mas o rumo que seguia era opposto ao que devêra seguir. Por cima e derredor da *Joven Suzanna*, ao longo das escotilhas, alvejava a escuma e bramia o vagalhão, que rebentava em flôr, batendo-a como o ariete bate as muralhas. Toda a noite se levou a dar ás bombas; a agua entrava pelo porão, e o mais que a tripulação poude fazer foi lançar fóra esta agua, e pôr o navio em estado de navegar.

Mas que navio! Um dos mastros desapparecêra: foi preciso picar o outro. O esqueleto ou o cadaver da *Joven Suzanna* seguia a sua derrota sobre o abys-

mo, que sacudia, roncando, os destroços da escuna, tão agil e louçã, tão forte e veleira ainda ha pouco. Dentro d'este ataudé, arrastado pela tormenta, estava uma chusma desanimada, que só por habito fazia o seu dever. O heroismo dos marinheiros é obedecer e trabalhar, mesmo quando do heroismo e do trabalho nada esperam senão a morte.

— "Meu pai, ha esperança?" perguntava uma voz suave.

— "Oremos junctos, minhas queridas filhas" respondeu o ministro presbyteriano com os olhos chorosos e o peito anciado.

O orar d'esta voz veneranda, o susurro das folhas da Biblia, que os dedos do velho viravam, as respostas das meninas, pallidas e deitadas nas suas macas á luz tremula de uma alampada, nunca me sairão do pensamento. A morte bramava no céu e nos abysmos, a morte cercava o navio; o capitão bebia rhum para reanimar, não o valor, mas a esperança; a marinhagem extenuada luctava ainda; e a embarcação, com a ajuda de uma véla que haviam armado, seguia ávante, incerta, sem governo.

— "Então, Donald, exclamou o capitão depois de passada esta noite, sempre demos conta da tarefa. O vento amainou. Está um lindo dia. O seu Campbell da *segunda vista* é um pateta; não havemos de morrer por ter dado á véla á sexta-feira."

— "Estamos muito estropeados:" respondeu Donald.

Campbell, que ia passando rente com elle, assobiou pausadamente a sua melodia lugubre.

— "Almoçar, rapazes! gritou o capitão; um copo de grog a cada um pela faina que tiveram! hourra!"

Ninguem respondeu a este viva do chefe; as testas não se desfranziram, nem se desgravou dos rostos o sello do terror.

— "A *Joven Suzanna* precisa mais da sua mastreação que nós do almoço" murmurou um marinheiro.

Todavia a nevoa da manhã, desfazendo-se gradativamente, descobria no horisonte grupos de ilhotes picturescos. A ira do oceano apasiguára-se; liso era o mar como um espelho, mudo qual o tumulo. Que murmurio rompe este silencio? que soído é este que parte de tão longe, indistincto, confuso, crescendo mais e mais, e semelhante ao zumbido de um enxame de abelhas? Toda a campanha subiu á tolda; nem respirar ousavam. O capitão ficou immovel ao pé da escada da coberta; o contramestre, debrugado na proa, com o pescoço estendido, o corpo dobrado, os olhos sem pestanejarem, escuta com anciedade; o seu ajudante, que levantára a mão para dar ordens, ficou com a mão levantada e suspensa. Depois de dois minutos d'este silencio, d'esta angustia, d'este torpor, todos os olhos do navio encontraram-se, entenderam-se, adivinharam-se. O contramestre foi-se direito ao capitão.

— "Ah! disse-lhe elle, estamos perdidos de todo, é o Maelstrom!"

— "O Maelstrom!"

Foi um echo de morte, vinte, trinta vezes repetido, que percorreu todo o navio; depois calou-se tudo.

— "O que é o Maelstrom?" perguntou ingenuamente a menina Sprighthy.

Donald recommçou o canto dos finados. Um marujo, com o peito nu, que acabava de engolir um copo de grog, respondeu: — "É a morte!"

— "Andar, rapazes, bradou o capitão com voz de trovão, mãos á obra com mil raios! outro mastro, outra véla! Trabalhar! trabalhar!"

(Continúa.)

ANNUNCIO DOS PARTOS EM HAARLEM.

QUANDO discorria as ruas de Haarlem, causou-me grande admiração ver penduradas, ao pé das portas de algumas casas, grandes e mui elegantes almofadas, guarnecidas de rendas, e semelhantes em tudo ás que se encontram sobre o toucador das senhoras de mais tafularia. Estava longe de adivinhar o motivo de tal uso, e ainda o ignorára, se uma senhora d'aquella cidade não tivesse a bondade de m'o explicar. «O nascimento d'uma creança, me disse ella, annuncia-se d'este modo; quando o chão da almofada é cõr de rosa, é signal de que veio a este mundo uma menina; se o chão da almofada é azul annuncia que foi um menino. Estas almofadas conservam-se expostas quarenta dias, e se acaso o marido é perseguido por dividas não lh'as podem pedir n'este praso. (*A côrte de Hollanda no tempo de Luiz Buonaparte, Paris 1823.*)

OS CAVALLOS DE VENEZA.

Entre as obras artisticas que nos ficaram da antiguidade, nenhuma ha cuja existencia fosse mais aventureira, nem por tantas vezes arriscada, como foram os celebres cavallos de bronze dourado, conhecidos pela denominação de *cavallos de Veneza*.

Quando os francezes e os venezianos se apossaram de Constantinopola, em 1204, acharam alli os derradeiros restos das riquezas artisticas da Italia e sobre tudo da Grecia, que haviam sido poupadas quer pelas invasões dos barbaros, quer pelos incendios, n'essa epocha quasi tão frequentes n'aquella capital como em os nossos dias. Porém os latinos, tão ignorantes como avarentos, fizeram pedaços e venderam a pezo indistinctamente as estatuas de bronze, as quadrigas de metal, que adoruavam por toda a parte as praças publicas, e as suas devastações não tiveram termo senão no momento em que o espolio do saque foi repartido entre os vencedores.

Os quatro cavallos de que fallamos tinham sido preservados dos incendios pela sua elevada postura no hippodromo; por fortuna escaparam tambem da avidéz dos espoliadores, e fizeram parte do quinhão que coube a Veneza, para onde os mandou transportar no seguinte anno o *podestá* Marino Zenó. Durante o trajecto quebrou-se o pé de um e separou-se da perna: Domingos Moresini, commandante da galé em que os haviam embarcado, pediu e alcançou guardallo; o tal pé foi primeiro assente n'um pedestal em casa particular, e depois collocado no angulo de uma rua. Os cavallos, logo que chegaram, foram mettidos no arsenal, onde permaneceram por muito tempo ignorados e esquecidos, até que uns embaixadores florentinos deram a conhecer o valor d'aquella obra; resolveu-se que fossem tirados de um lugar que lhes causava estrago, porque de dia para dia se despegavam parcelas da basta folha de ouro que os recamava; collocaram-n'os então sobre a portada principal da igreja de S. Marcos, depois de terem substituido o pé que faltava por outro de mui inferior merecimento. Ignora-se a epocha d'esta disposição; e só por fins do seculo XV se acha pela primeira vez menção d'aquella obra nos escriptores.

Os francezes, em 1798, tiraram de Veneza aquellos cavallos de bronze para os trazerem a Paris, onde assentaram cada um em pedestal separado, e depois os junctaram a um carro de bronze, que foi posto em cima do arco do Carrousel. Em cumprimento dos tractados de 1815 foram restituídos a Veneza, e occupam actualmente o seu lugar antigo sobre a portada do templo de S. Marcos.

Tal é a parte historica d'estas esculpturas desde 1204. Tem-se porém suscitado uma disputa, vivamente ventilada, ácerca do sitio d'onde foram tomados para os levarem a Constantinopola. Segundo uma opinião bastante antiga e acreditada por muitos escriptores, tinham pertencido a um arco de triumpho de Nero em Roma, e os levaria Constantino quando estabeleceu em Byzancio a séde do imperio: fundava-se ella n'uma medalha de Nero, em cujo reverso se vê o arco erecto em honra d'este imperador, coroado por quatro cavallos com duas allegorias da victoria; e demais d'isto pretendiam que os cavallos de Veneza, carnudos e roliços nas fórmãs, estavam longe de se parecerem com os cavallos gregos, que os baixos relevos do Parthenon representam seccos, delgados e de contornos angulosos. — Para refutar esta segunda asserção basta lançar os olhos sobre grande numero de medalhas gregas em que se acha o typo dos cavallos de Veneza; e quanto á primeira é desmentida por muitas passagens de escriptores byzantino: entre outros um auctor anonymo de um opusculo sobre as antiguidades de Constantinopola exprime-se n'estes termos: «Os quatro cavallos dourados que se veem sobre os *carceres* no hippodromo foram trazidos de Chio em tempo de Theodosio o moço» Ainda mais; Nicetas, designando mui claramente os mesmos cavallos pela sua collocação n'aquelle circo, os representa «com a cabeça um pouco encurvada, voltando-se uns para os outros, e exprimindo o ardor na carreira,» o que se verifica nos que existem em Veneza. — Tendo morrido Theodosio o moço em 1450, vê-se que na primeira metade do seculo V é que foram transportados de Chio. Quanto ao tempo em que foram feitos nada se póde dizer com exacção: a mais provavel conjectura é a que os attribue a algum esculptor de Alexandre Magno ou dos seus primeiros successores. A douradura que os reveste, longe de indicar epocha de decadencia, demonstra remota antiguidade classica das artes. Quanto á belleza de trabalho, tem sido exaggerada; no entanto passa por proverbio na Italia. A sua maior notabilidade procede de terem viajado successivamente de Chio a Constantinopola, daqui para Veneza, d'esta para Paris, e a final de Paris para Veneza.

MERCÊS DESHONROSAS.

QUANDO as mercês não são prova de ser homens, senão de ter homens; e quando não significam valor, senão valia; pouca injuria se faz a quem se não fazem. Dizia com verdadeiro juizo Marco Tullio, que as mercês feitas a indignos não honram os homens, affrontam as honras. E assim é. As commendas em semelhantes peitos não são cruz, são aspa; e quando se vêem tantos ensambenitados de honras, bem vos podeis honrar de não ser um d'elles.

VIEIRA — *Sermões.*

A MELHOR TRAPAÇA.

Dois jogadores, a qual d'elles mais velhaco, convidaram-se para se depenarem um ao outro sob condição de se admittir no jogo toda a casta de trapaça. Um d'elles fez quanto sabia, — e não sabia pouco — para desbanear o parceiro; o outro jogou liso e perdeu sempre. — «Pague-me tanto» bradou o trapaçeiro. — «Alto lá, respondeu-lhe o *homem de bem*; você fez quantas trampolinas quiz, eu deixei-o, porque até o lavar dos cestos é vindima. Agora digo que lhe não pago! Esta é a melhor trapaça, só basbaque.»